

*POÉTICA — ANA CRISTINA CESAR**POÉTICA, BY ANA CRISTINA CESAR*Clarissa Loyola Comin¹

“Rosa, azul-celeste” ou, melhor ainda, “em technicolor” chega às nossas mãos, leitores — de primeira ou muitas viagens, a *Poética* de Ana Cristina César (2013). Após muito tempo de espera, a Companhia das Letras trouxe de volta à cena uma das poetisas brasileiras mais relevantes do século XX. Suas obras, depois de longo período fora de circulação, ou sendo vendidas como relíquias superfaturadas em sebos, agora estão à disposição por um preço justo. Contando com curadoria e texto de apresentação do poeta e amigo Armando Freitas Filho, o generoso volume abrange os quatro livros lançados pela autora em vida — *Cenas de Abril* (1979), *Correspondência Completa* (1979), *Lavas de Pelica* (1980) e *A teus pés* (1982) —, duas publicações póstumas — *Inéditos e Dispersos* (1985) — e a seleção de alguns trabalhos de *Antigos e Soltos* (2008). Além disso, como novidade, há uma sessão final denominada “visita à oficina” na qual encontramos exercícios poéticos de variadas fases da carreira de Ana. Não fosse suficiente, a edição conta com um consistente aparato crítico: posfácio inédito assinado por Viviana Bosi e farto apêndice com textos que vão do singelo afetivo, como os da professora e amiga Heloísa Buarque, ao crítico-reflexivo, como o de Silviano Santiago, publicado anteriormente em *Nas malhas das letras*.

¹ Mestranda em Letras, Estudos Literários, UFPR.

Algumas características da nova edição não passam despercebidas. Primeiramente, há a ausência de maiores detalhes sobre a *causa mortis* de Ana Cristina; a edição traz apenas frases como “Em 29 de outubro de 1983, ela se foi” (CESAR, 2013, p. 479), o que, a meu ver, pode levar a interpretações variadas por parte dos novos leitores e, ainda, comprometer em alguma medida a leitura dos poemas e da trajetória da poeta. É certo que, hoje em dia, com rápidos cliques, obtém-se facilmente esta informação — do seu suicídio trágico, da janela do apartamento dos pais —, no entanto, como se trata de uma republicação tão esmerada, o fato é minimamente estranho. Discrição? Respeito? Talvez seja produtivo pensar por aí, pois apesar de o rosto da poeta estar estampado na capa, nesta edição a imagem pessoal de Ana Cristina foi bem resguardada, ao contrário do que víamos em outras das compilações e edições comemorativas, cheias de fotografias e trechos de cartas.

Sublinhar esse *fato* reforçaria a obsessão por saber o que se passava nos bastidores da Ana “gente como a gente”, o que seria seguido pela busca por respostas cifradas, perdidas entre bilhetes ou manuscritos ordinários de seu vasto espólio. Aliás, entramos aqui em outro ponto passível de questionamento: as publicações póstumas. Será que Ana aprovaria esse feito? Armando Freitas Filho suspeita que não, ela não aprovaria, e ainda se desculpa usando o clássico exemplo de Kafka: “[...] publicar poemas ‘impulcados’ de um autor morto é sempre uma *traição*. Ainda mais quando eles trazem uma rubrica: ‘Prontos, mas rejeitados’. Mas se não fosse um traidor como Max Brod, Kafka não existiria. Ou existiria para uma vida menor.” (FREITAS FILHO, 2013, p. 315) Armando cede à curiosidade dos mais aficionados e concede-lhes regalos poéticos. Persisto no meu olhar, entre crítico e agradecido.

Poeta, professora, tradutora, crítica literária e acadêmica, Ana Cristina Cesar é apontada como um dos “nomes chave” da década de 1970, apresentando um percurso de ascensão célere e particular. Advinda de uma família intelectualizada, cujo pai era sociólogo e a mãe professora, travou contato precoce com amplos repertórios

artístico-culturais, o que certamente contribuiu para seu interesse pela escrita. Destaco a influência saliente de Emily Dickinson, Sylvia Plath, Katherine Mansfield, Ezra Pound, Manuel Bandeira e Baudelaire. Genialidade precoce, antes mesmo de aprender a escrever ela já “[d]itava seus poemas à mãe, que os punha em forma caligráfica” (MORICONI, 1996, p. 75). Apesar de ser constantemente ligada à geração da “poesia marginal”, sua dicção se destaca das demais devido a seu alto nível de sofisticação. Isso se dá, em grande parte, por seu posicionamento ideológico-intelectual: enquanto seus colegas optaram por um distanciamento e até uma rejeição da tradição literária, Ana demonstrava em seus poemas uma alentada leitura da tradição — não apenas brasileira — bem como sua devida apropriação, conformando assim uma voz poética consciente e singular.

Na esteira de escritores como João Cabral de Melo Neto, Hilda Hilst e Roberto Piva, que já despontaram com pressupostos estilísticos precocemente calibrados e refletidos, Ana Cristina firmou-se cedo como poeta, embora seu interesse pela prosa esteja assinalado em livros como *Correspondência Completa* e *Luvas de Pelica*. Ainda que menos extensos, neles o gênero confessional ganha corpo a partir de uma prosa densa, poética, mas de difícil categorização, lembrando às vezes os contos de *Fluxo-Floema*, publicado em 1970 por Hilda Hilst. Em seu último livro, *A teus pés*, fica evidente a expansão dos limites entre verso e prosa e, por esse motivo, recomendo a leitura atenta de dois poemas: *Trilha Sonora ao Fundo*, que abre o volume, e *Fogo do Final*, que o fecha.

Metapoética e irônica, a poeta constrói um eu lírico que se apresenta como instância meramente ficcional do poema e denuncia, ao mesmo tempo, sua natureza *estratégica* de elaboração ao leitor: “Meu filho. Não é automatismo. Juro. É jazz do/coração. É prosa que dá prêmio. Um tea for two/total, tilintar de verdade que você seduz” (CESAR, 2013, p. 96). O excesso de intimidade forjada espanta, mas na sequência percebemos seu uso como irônico e *falsamente confessional*. Ora, o eu lírico

parece estar falando do texto que temos em mãos e tenta nos convencer de que nele não há *automatismo*. Ou seja, seus versos são espontâneos, nada calculados e trabalhados. No entanto, não podemos nos fiar nessa afirmação, posto que a poesia moderna nos colocou a pulga da desconfiança atrás da orelha. Junto a isso, vem a constante *tensão entre o real e o ficcional* que alimenta o falso confessional mencionado. Com esse tensionamento, a poeta provoca um estranhamento que emaranha os limites entre essas instâncias, como podemos ver a seguir: “Você, por exemplo, tem a mania de querer me ler em toda parte, ler a identidade dos corações, ler quem eu nunca toquei, ler tormentos. Você não vê que eu não consigo, eu invento tudo, é meu olho que me atormenta, é outra coisa. Eu não estou disfarçando nada, você compreende?” (CESAR, 2013, p. 387-388)

A esse respeito, Marcos Siscar diz que “[...] sinceridade não existe, no sentido da continuidade entre o que se sente/pensa e o que se diz: é nisso que insiste Ana C., em consonância com os imperativos que reconhece para a poesia de sua época” (SISCAR, 2011, p. 50). A sinceridade aí é a possibilidade de transmitir e elucidar para outro os sentimentos que dirigem as ações do eu lírico; o trabalho com a linguagem, nos poemas que abordam tal problemática, se dá como se ela fosse impossível por ter que passar pelo crivo da expressão. Sendo o sentir/pensar e o expressar dois polos diferentes, temos que a passagem de um para outro só pode resultar em uma interferência com a qual a poeta desnuda a construção essencialmente ficcional que se põe no tipo de expressão considerada como a mais *real*.

Outro aspecto contundente de sua obra é a maneira como aborda o *feminino*. Ana não apenas o tematiza e ilustra, como fizeram Cecília Meireles e Adélia Prado, mas traz à tona outras nuances particulares desse universo. Tal proposta é evidente em seu livro de estreia, *Cenas de Abril* — especialmente nos poemas *Arpejos*, *16 de junho* e *Anônimo* —, e intensificada em *A teus pés*, nos famosos *Sete Chaves*, *Conversa de Senhoras* e *Samba-Canção*. Inserida em um meio majoritariamente masculino, a poeta

teve de aprender a lidar com essa preponderância, ainda que isso tenha lhe custado caro, pois um dos grandes impasses de sua vida foi

[...] querer ocupar um lugar no universo intelectual e ao mesmo tempo preservar a especificidade da condição de mulher, desenvolvendo uma reflexão, uma prática e sobretudo uma estética que representassem um abalo na divisão tradicional de lugares entre os gêneros. (MORICONI, 1996, p. 71)

Sabemos que o Brasil naquele momento — mesmo com o *todavia* — propiciava às mulheres possibilidades sociais bastante inéditas, frutos de 1968. Finalmente elas tinham conquistado, em teoria, igualdade em relação aos direitos outrora apenas masculinos. No entanto, essa transição estabeleceu embaraçosos conflitos entre os papéis convencionais e as novas promessas de futuro.

Tal postura também denota o caráter engajado de sua poesia, que, antes de se preocupar com questões sociais de escopo mais amplo, apontavam para a influência da política no indivíduo e em seus modos de sentir e expressar. Mesmo falando de um espaço-tempo circunscrito, Ana Cristina Cesar continua contemporânea justamente por demonstrar um bom entendimento entre a relação “lírica e sociedade”. A poeta é capaz de coadunar, sem afetações, um estilo singular a um estado de coisas presente. Pois,

[...] a lírica se mostra mais profundamente assegurada, em termos sociais, ali onde não fala conforme o gosto da sociedade, ali onde não comunica nada, mas sim onde o sujeito, alcançando a expressão feliz, chega a um sintonia com a própria linguagem, seguindo o caminho que ela mesma gostaria de seguir. (ADORNO, 2012, p. 74).

Ana questionou o rigor pseudorracionalista difundido entre a juventude engajada do seu tempo. Olhando para esse universo com suspeita, percebia nele a presença de um forte reacionarismo estético, muitas vezes disfarçado com discursos políticos progressistas e objetivos. Diante dessa conjuntura, seu interesse repousava

sobre uma “politização dos afetos, uma pessoalização da política.” (MORICONI, 1996, p. 50)

Assim, espero que essa republicação prolifere e alimente os debates em torno de sua obra poética levando-a, quem sabe, a futuros trabalhos de tradução que lancem para ainda mais longe nossa supernova literária.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Lírica e sociedade. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2012.

CESAR, A. C. *Poética*. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

MORICONI, I. *Ana Cristina Cesar: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

SISCAR, M. *Ana Cristina Cesar por Marcos Siscar*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.